

História do desenvolvimento do livro:

Eva - A realização da consciência, com um toque de Samadhi

Salve a meditação - O objetivo original em uma apresentação apresentação

Normalmente, consultamos a ciência sobre esses temas. Eu também estudei Física e Matemática e assisti a palestras de Psicologia. Tal como o Dr. Fausto, de Goethe, também eu queria descobrir «o que mantém o mundo unido no seu íntimo?».

Descobri muitas coisas, muitas mesmo, mas infelizmente nenhuma resposta para as perguntas sobre a minha própria existência. A ciência não estava e ainda não está preparada para isso, e também não pode abordar esse tema da forma que desejamos, ou seja, de maneira egocêntrica e subjetiva.

Bem, ainda há as religiões. Fui membro ativo de uma igreja cristã durante muitos anos e, mais tarde, também conheci outras comunidades religiosas. Mas simplesmente acreditar não era o meu forte, eu procurava conhecimento, não fé. Então, aconteceu-me o mesmo que ao pobre Dottore:

«Aqui estou eu, pobre tolo, e tão inteligente como antes!»

O que fazer?

«Nenhum cão quer viver assim por muito tempo! Por isso, entreguei-me à magia...»

Bem, não como prática, mas eu também me interessei por literatura mágica, embora, como cientista, isso me parecesse muito suspeito. Com o yoga foi diferente, falava-se da ciência do yoga, o que me parecia familiar e promissor.

E, de facto, em escritos indianos como os Vedas ou o Bhagavadgita, as minhas perguntas foram respondidas, mas, como já sabia da religião, a resposta foi simplesmente apresentada a mim. Possivelmente, nos escritos originais havia abordagens metodológicas sobre como eu poderia ter obtido essas respostas através da minha própria experiência e reflexão, mas eu não sabia ler nem compreender sânscrito.

As traduções em inglês ou traduzidas para o português também não se revelaram úteis, uma vez que o original utilizava uma linguagem figurativa e simbólica. Proveniente de uma época e de um círculo cultural que ainda depositava confiança ilimitada no professor ou «guru», quaisquer explicações eram, portanto, supérfluas e qualquer pedido de explicação era considerado um insulto. Também não ajudou o facto de muitos dos meus colegas de ioga, a quem pedi conselhos, simplesmente acharem que sabiam tudo.

Cheguei ao fim da linha, não sabia mais o que fazer, desisti e mergulhei no trabalho e nas horas extras. Ou tentei seguir o

conselho de Johann Strauss: *«Quem não ama o vinho, as mulheres e o canto, continuará sendo um tolo por toda a vida».*

A minha preocupação «enterrada» permaneceu adormecida nas profundezas e só voltou à superfície na minha quinta década de vida, para exigir uma nova oportunidade. E agora? Devo entregar a minha alma ao diabo, como o Dr. Fausto?

Graças a Deus, tive uma ideia melhor. Antes, eu confiava principalmente na ciência e em sabedorias comprovadas, ou seja, segundo Schopenhauer, pensava principalmente com mentes alheias. Era hora de agir mais de acordo com Immanuel Kant:

«Sapere aude! Ouse usar do seu próprio entendimento... use-o sem a orientação de outra pessoa.»

Já em 1908, Swami Vivekananda escreveu: Se os rishis, os antigos sábios indianos, estavam certos, tudo o que eles perceberam e relataram no passado ainda deveria ser perceptível e experimentável hoje. Portanto, eu só precisaria abrir os olhos, confrontar cuidadosamente e tirar as minhas próprias conclusões bem pensadas, em vez de acreditar no que as mentes dos outros pensavam ou tinham pensado.

Finalmente, comecei a progredir aos poucos, mas levei quase mais duas décadas para chegar ao meu objetivo. Na ciência clássica, graças à metodologia objetiva, alguns poucos conseguiram reunir conhecimento para muitos outros. No

entanto, quando se tratava de algo objetivamente incompreensível, cada um tinha que criar conhecimento por conta própria, de forma subjetiva. Felizmente, «ferramentas» científicas como a coerência, a reprodutibilidade e a ausência de contradições também podiam ser aplicadas ao subjetivo, permitindo assim um ganho de conhecimento profundo, embora «apenas» subjetivo. Ambos os tipos de conhecimento revelaram-se valiosos, como relatou David Servan-Schreiber, médico e investigador:

«Depois de passar vinte anos a estudar e a praticar medicina, principalmente em grandes hospitais universitários do mundo ocidental, mas também com médicos tibetanos e xamãs indígenas, adquiri alguns conhecimentos essenciais que se revelaram úteis tanto para os meus pacientes como para mim. Para minha grande surpresa, não foram os métodos que me ensinaram na universidade...»

Eva aprecia a ciência, tanto quanto possível e enquanto for útil. Mas ela não fica parada quando um terreno da ciência não é acessível, Eva vai além...

Salve a meditação - O objetivo original em uma apresentação apresentação

Outra abordagem foi decisiva para este livro.

Escritos antigos, na maioria das vezes na forma de traduções fiéis ao original (espero), transportavam-me regularmente para um mundo de contos de fadas repleto de coisas e habilidades incríveis. Um iogue sentado numa confortável tábua de pregos a ler o jornal diário era absolutamente inofensivo. Mas eu não tinha estudado para me ocupar com tais «absurdos» e, a princípio, lamentei profundamente a compra dessa literatura.

Por outro lado, eu estive várias vezes em Rishikesh, no ashram de Swami Sivananda. Ele era iogue E médico formado em medicina ocidental, então por que ele também contava tais «absurdos» em seus escritos? Seria possível que houvesse um mal-entendido?

Uma citação de Sri Chinmoy veio-me à mente:

«Ao longo dos séculos, porém, o conhecimento do significado interior desses versos e conceitos desapareceu quase por completo, e o aspecto exterior passou a ser considerado como seu significado completo.»

Se não nos reduzíssemos tanto à descrição exterior, seria mais eficaz concentrarmo-nos no significado interior? Tratava-se do ser humano. Será que uma comparação entre descrições modernas e representações de escritos antigos revelaria o seu significado interior? E, de facto, só através da comparação foi-me possível, gradualmente, esclarecer mal-entendidos.

E, aos poucos, percebi como o foco em procedimentos objetivos nos permitiu alcançar conquistas técnicas nunca antes alcançadas. Mas, ao mesmo tempo, como a negligência de

procedimentos subjetivos introspectivos nos levou de volta a uma escuridão espiritual da qual já havíamos escapado, há milhares de anos... pelo menos como uma pequena minoria.